



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A PROPÓSITO DE LEANDRO BRAGA

Como admirador, que fui, de Leandro Braga, li com verdadeira satisfação o belo artigo que o Sr. Alfredo Guimarães consagrou ao notável entalhador português em o n.º 2 do vol. XXXII desta Revista.

O autor omitiu, porém, uma circunstância interessante, certamente porque a ignorava.

O meu saudoso amigo José Queirós, tam conhecido pelos seus valiosos estudos sobre a cerâmica nacional tomou, em 1897, a iniciativa de uma exposição de trabalhos de Leandro Braga, — que pouco antes se finara, — exposição que se realizou, na primavera dêsse ano, em salas do palácio do Marquês da Foz, gentilmente cedidas pelo seu culto proprietário, e em cuja ornamentação, como na de outras peças dessa magnificente residência, se afirmara do modo mais brilhante o raro talento do artista. Compunha-se a Comissão organizadora, além de José Queirós, do escritor Ramalho Ortigão, do architecto Gaspar, do jornalista Armando da Silva, dos artífices José A. dos Reis Pinto e José Onofre e do signatário desta nótula, o único que ainda existe.

A exposição, que creio ter sido a primeira de mobiliário artístico efectuada em Lisboa, foi muito visitada, tendo-se esgotado rapidamente a primeira edição do Catálogo, redigido por José Queirós e por quem estas linhas escreve e prefaciado pelo autor da *Hollanda*.

Levou, ainda, a Comissão a efeito a marcação, com um ferro especial, de grande número de obras do talentoso artista, recebendo, em troca, donativos mais ou menos importantes, que, adicionados ao produto das entradas no palácio Foz e da venda do Catálogo, produziram uma soma considerável, da qual se dedu-

ziram as despesas da exposição, entregando-se o líquido, em prestações mensais (de quarenta e cinco escudos, se não estou em êrro), às filhas do artista, — o que muito concorreu para que a situação dessas senhoras fôsse, durante alguns anos, menos embaraçosa.

D. JOSÉ PESSANHA.

Lisboa, Agosto de 1922.



CÁLICE ROMANICO
CONHEGIDO POR O CÁLICE DE S. TORCATO
(TESOURO DA OLIVEIRA)

FRANCISCO DOS SANTOS GUIMARÃES

Ordena-me o meu prezado amigo, ilustre Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, que escreva duas palavras de homenagem à memória de Santos Guimarães, um dos mais ilustres filhos da nossa terra e uma das individualidades mais respeitáveis que tenho encontrado na vida.

Se êste encargo é para mim uma honra e representa uma tarefa gratíssima ao meu coração, não deixa de ter algumas dificuldades, porque aquele espírito culto, aquela inteligência lúcida e perspicaz, desapareceram sem que ficasse uma obra escrita a perpetuá-los; aquele coração magnânimo deixou dispersa tóda a sua obra de bem-fazer, e aquele carácter íntegro e límpido admirava-se, por extraordinário, mas não se descreve, por inefável.

E' preciso, porém, obedecer às ordens, que recebi, e aos impulsos do meu coração que consagrou a Santos Guimarães um affecto bem sincero e bem sentido.

*

Francisco dos Santos Guimarães foi para o Rio de Janeiro, rapazito de 11 anos, apenas com os rudimentos da instrução primária. Seguindo a carreira commercial, procurou instruir-se, tornando-se, em pouco tempo, um dos mais distintos guarda-livros e uma das figuras de maior realce no meio commercial da capital brasileira.

Dotado de uma actividade prodigiosa, bem depressa fundou a casa Guimarães & Irmão, que foi, no seu género, uma das primeiras do Rio de Janeiro.

Os momentos que a direcção da sua casa lhe dei-

xavam vagos, eram empregados em relevantes serviços que prestou à Beneficência Portuguesa e ao Gabinete Português de Leitura, em resolver questões comerciais com a perícia de um advogado, o que lhe valeu, no meio comercial do Rio, o *sobriquet* honrosíssimo de — *Doutor do Chiado* —, em educar e dirigir, com o seu sábio conselho, os rapazes que se impunham à sua estima pelo carácter e qualidades de trabalho, como sucedeu com o abastado capitalista de Forjães, Espozende, Sr. António Rodrigues de Faria, que em Santos Guimarães teve o melhor dos preceptores na direcção da importantíssima Companhia de Navegação do Rio de Janeiro e monopólio do sal em todo o Brasil.

Depois vivia para a família — a santa Esposa, que êle adorava, e os velhos pais, de quem nunca se esqueceu.

A pequena aldeia em que nascera — Urgeses — foi também sempre objecto dos seus desvelos e dos seus carinhos, contribuindo para a conservação e embelezamento da modesta igreja, onde o povo crente e humilde reza piedosamente; protegendo a escola, onde as crianças se instruem e se educam, e socorrendo os pobres que sofrem privações e misérias. Na sessão de 9 de Março, há muitos anos existe um prémio para o aluno mais distinto da escola de Urgeses, distribuído pela Sociedade Martins Sarmento. Esse prémio chama-se Santos Guimarães. E, antes de morrer, êle quis que tal prémio continuasse, entregando à benemérita Sociedade 5:000\$00 escudos, cujo rendimento será aplicado de harmonia com um contracto, cuja minuta escrita e apresentada por Santos Guimarães é um primor de clareza e de correcção de tal ordem que a digna Direcção, presidida pelo Dr. Eduardo d'Almeida, aceitou-a pura e simplesmente, não podendo deixar de admirar o talento e a bondade do seu ilustre, inteligente e benemérito autor.

A' Santa Casa da Misericórdia entregou 20:000\$00 escudos com a obrigação de dotar, todos os anos, duas donzelas pobres, de Urgeses, quando casarem; e ainda outros socorros aos pobres daquela freguesia.

Pudesse eu dizer tudo o que sei acerca dos sentimentos humanitários de Santos Guimarães, que passou pela terra fazendo bem, sem ostentações nem vaidades!

Isso, porém, não pode nem deve ser comemorado

aqui: tem uma comemoração condigna — eu o sei! — nas lágrimas piedosas de quantos o amaram, que foram todos os que puderam conhecer a grandeza da sua alma, a generosidade inextinguível do seu coração, o seu talento extraordinário e a sua actividade pasmosa em aconselhar e guiar, em remover dificuldades e aplanar caminhos para que os outros pudessem vencer nas lutas da vida.

Em 1908, se bem me lembro, depois de uma viagem de recreio pela Espanha, Santos Guimarães foi forçado a regressar aqui apressadamente, porque a Esposa que êle idolatrava foi acometida de uma doença grave, de que veio a morrer na sua casa de Urgeses.

Nunca mais aquele homem teve alegria. Os seus 20 anos de casado foram uma perene lua de mel. A *Anita* — como êle lhe chamava na intimidade — era pelo seu espírito e pelo seu coração bem digna do homem a que ligou o seu destino. Desde esse momento, Santos Guimarães ficou apenas com uma aspiração: ir repousar ao lado do cadáver da Espôsa amada no humilde cemitério da sua aldeia. Essa aspiração realizou-se no dia 10 de Julho do ano corrente.

Francisco dos Santos Guimarães morrera, na sua casa em Vizela, no dia 8, à hora melancólica do pôr-do-sol e, dois dias depois, o seu cadáver era dado à sepultura. A' passagem desse cadáver, uma mulher ajoelhou e chorou. Só vós, senhora, poderíeis dizer o que eu não sei exprimir. As vossas lágrimas diziam tudo — amor, gratidão e saudade. E, como as vossas, quantas lágrimas não chorariam tantos que receberam de Santos Guimarães amparo, protecção e conselho, todos os que tiveram o prazer e a honra do seu convívio de uma intelectualidade tam brilhante e duma amizade tam pura e tam sincera!

*

Depois da morte da Esposa, Santos Guimarães principiou uma vida errante. Em 1909 embarcou para o Brasil. Fêz a travessia dos Andes, com uma temperatura de 28° abaixo de zero, parece que num desejo de sepultar na neve o coração torturado pela saudade. Regressou a Portugal. Viveu no Estoril, comprou um

palacete magnífico na Avenida, em Lisboa. Tudo, porém, lhe aborrecia. Queria o isolamento. Procurou-o em Vizela, onde morreu nos braços de sua dedicada irmã, D. Maria Felicidade dos Santos Simões.

Não resisto à tentação de trasladar para aqui o que eu escrevi em 1909, quando Santos Guimarães embarcou para o Brasil:

“Era no dia 8 de Fevereiro.

O *Avon*, um magnífico vapor inglês, verdadeiro palácio flutuante, conservava-se sereno e imóvel nas águas do Tejo, cujas ondas não conseguiam imprimir movimento algum àquela imensa mole que nêsse dia levantaria ferro em demanda dos portos do Brasil.

A amizade e a gratidão obrigaram-me a ir a bordo do magnífico vapor despedir um amigo que regressava ao Rio de Janeiro.

Nunca me tinha sido dado observar algum daqueles prodígios da indústria e do bom gosto. Nunca imaginei que sobre as águas flutuassem construções tão ricas e tão grandiosas. Daí o meu assombro ante a beleza do *Avon*.

Mas, lá dentro, não havia somente a grandeza material dum produto da indústria; havia também a grandeza moral concretizada em dois homens que se nobilitaram pelo estudo, pelo trabalho e pela educação.

Francisco dos Santos Guimarães — o querido amigo que partia para o Rio de Janeiro — tinha diante de si, entre os que foram dar-lhe o abraço de despedida, o Padre Himalaia, um amigo da véspera, que já parecia um velho amigo, e que em pouco tempo pôde apreciar as belas qualidades do ilustre vimaranense.

Diante destes dois homens, esqueci as belezas materiais que me rodeavam e enlevei-me na contemplação daqueles dois portugueses que tanto tem honrado a nossa pátria.

Santos Guimarães — eu já sei que vai ralar-me; mas, tenha paciência, o louvor à virtude é menos um louvor ao que a pratica do que um estímulo aos que a conhecem — Santos Guimarães é, pela sua inteligência, pelo seu saber, pela limpidez do seu carácter, pela grandeza do seu coração, pela sua probidade inconcussa, uma figura de destaque entre a benemérita colónia portuguesa no Rio de Janeiro. Conviver com êle

é estimá-lo, porque se sabe que se convive com um homem de bem. Por onde passa deixa sempre as mais fundas simpatias na alma simples do povo e nos espíritos superiores pela sua cultura, como o Sr. General Rodrigues da Costa, o ilustre colega de Rodrigues Sampaio na “Revolução de Setembro”, o digno e ilustrado oficial do nosso exército, que consagra a Santos Guimarães uma amizade sincera e funda.

O Padre Himalaia foi presa do mesmo sentimento.

Como alguém sabia que Santos Guimarães apreciava os que se engrandecem pelo seu esforço e pelo seu talento, apresentou-lhe o ilustre sábio, o glorioso inventor do Pirelióforo e da Himalaíte, que, na exposição de S. Luís conseguiu um *grand prix*, que lá fora tanto honrou o nome português e que aqui, na própria pátria — ai de nós! — não conseguiu ainda do Estado uma afirmação pública de aplauso pelos seus famosos inventos.

Abramos um parêntesis:

(O Padre Himalaia é modestíssimo. Tenho a certeza de que recusaria qualquer dessas fitinhas, venerated ou colares, que adornam muitos peitos mais ou menos valorosos; mas, se o facto de o Estado não o haver ainda condecorado lhe é absolutamente indiferente, para nós é uma vergonha, pois assim mostramos ao mundo que não sabemos dar o galardão a quem o merece. Enquanto a América do Norte conferia ao ilustre sábio português a maior honra que se destinava aos que saíssem vitoriosos daquele certâmen, Portugal — o Portugal oficial — deixava passar ignorado quem tanto o fêz lembrado na *Feira do Mundo*, quem, para não deixar de ser português, recusou aceitar uma proposta que o tornaria milionário!)

Diante destes dois homens, a que me prendem os laços da mais sincera amizade, eu sentia-me orgulhoso de ser português.

Filhos do povo — o Padre Himalaia descendente de uns humildes lavradores dos Arcos de Valdevez; Santos Guimarães de uma modesta família de Urgeses — ambos êles se engrandeceram pelo trabalho; ambos êles se impõem ao respeito, à veneração e à estima dos que tem a honra e o prazer de os conhecer.

Santos Guimarães, antes de partir, quis ainda uma

vez mostrar o seu amor à terra em que nasceu, afirmando as suas simpatias por uma das mais prestimosas instituições vimaranenses.

Ao telegrama de boa viagem, que lhe foi enviado pelo digno Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, de que Santos Guimarães é digníssimo sócio honorário, respondeu, também em telegrama, o seguinte:

Dr. Pedro Guimarães — Guimarães. — As considerações que a Sociedade Martins Sarmento me tem dispensado convencem-me de que a sua preocupação é elevar os humildes, como sendo essa a essência da sua própria missão. Deus me permitirá tornar-me ainda merecedor das finezas que tenho recebido e que são objecto de orgulho para mim. — Francisco Guimarães.

.....

Despedimo-nos...

O *Avon* levantou ferro e lá dentro, num corpo franzino, ia uma grande alma, cheia de amor e de sinceridade e... repleta de saudade e de dor, porque na terra pátria ficava dormindo o sono da morte a meta-de mais querida do seu coração.

....."

Eis o que eu escrevi em 1909.

Santos Guimarães cumpriu a sua promessa: de cada vez se tornou mais merecedor das finezas da Sociedade Martins Sarmento, que tanto amou.

A Sociedade cumpre o seu dever, prestando na "Revista de Guimarães" a homenagem de respeito, de amor, de gratidão e de saudade à memória de um dos seus mais dignos sócios honorários, cujo nome se deve colocar na galeria dos Vimaranenses Ilustres pela inteligência, pelo trabalho, pela honra e ainda pelo amor que consagraram à sua terra.

Só eu não me desimpegno bem da minha missão, porque não sei nem posso dar a esta homenagem todo o brilho que ela deveria ter!

Tem, porém, o brilho da verdade e a luz suave de um grande affecto e de uma grande saudade, tornando-se, por isso, digna de quem a verdade tanto amou e de quem apreciou sempre a amizade sincera e pura que lhe consagrei.